

CULTURA EM *MOVIMENTO*, ANO 1

Jeferson Candido¹

Este trabalho visa a apresentar, em linhas gerais, a seção de cultura do jornal *Movimento* em seu primeiro ano. Circulando semanalmente, foram 51 números, que correspondem ao período de julho de 1975 a julho de 1976 – seriam 53, caso dois deles não fossem impedidos de circular pela censura prévia, que acompanhou o jornal do número zero a junho de 1978.

Movimento é um dos principais representantes da “imprensa alternativa” da década de 70, tendo surgido em 07 de julho de 1975, após um “racha” na equipe de *Opinião*, outro alternativo, também semanário, do qual era editor Raimundo Pereira.² Com o racha, Raimundo, juntamente com outros colaboradores, abandona *Opinião* para fundar *Movimento*, do qual seria também o editor. Sendo uma das características da imprensa alternativa a vida relativamente curta, *Movimento* até que difere um pouco: duraria até novembro de 1981, quando uma convenção nacional de seus colaboradores aprovou a recomendação de Raimundo Pereira de fechá-lo.

Com quatro páginas, a seção de cultura de *Movimento*, de acordo com Bernardo Kucinski, é uma das seções que se destacam na primeira fase do jornal:

Aos críticos do *Opinião* [...] *Movimento* incorporou toda uma nova geração de críticos e ensaístas – entre eles Flávio Aguiar, José Miguel Wisnik e Maria Rita Kehl. Escapando um pouco mais da virulência da censura prévia, a seção de cultura torna-se importante e relativamente autônoma em relação ao resto do jornal. Tem uma visão não-ortodoxa das questões de cultura, um ecletismo que lhes permitiu, principalmente, não praticar o “realismo socialista”. O espaço para novos contistas fez sucesso, ampliando o campo de leitura do jornal e revelando alguns talentos.³

Pretendo aqui comentar os dados obtidos com a leitura desses 51 números. Ao final do texto, estão disponíveis os principais dados da indexação realizada.

As páginas de cultura

¹ Mestrando em Teoria da Literatura na Universidade Federal de Santa Catarina, sob orientação da Profa. Dra. Maria Lucia de Barros Camargo. Este trabalho foi realizado com o apoio do CNPq.

² *Opinião* surgiu em outubro de 1972 e duraria até abril de 1977.

³ KUCINSKI, Bernardo. *Movimento: o jornal dos jornalistas*. In: _____. *Jornalistas e revolucionários: Nos tempos da imprensa alternativa*. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2003, p.356.

Os dados da tabela *Vocabulário controlado*⁴ nos apresentam os tipos de texto da seção de cultura de *Movimento*. A maior ocorrência é a da resenha, seguida do ensaio⁵. A “ficção” vem em terceiro lugar, apontando para a quantidade de trechos de romance, de textos dramáticos e, principalmente, contos publicados pelo jornal. Sua presença, no entanto, não se dá nas páginas da seção de cultura: é publicada na última capa do jornal⁶. Destacada pelo trabalho de ilustração que sempre acompanha os textos, a ficção serve, de certa forma, como um “chamariz”. Colaboram aí tanto autores já conhecidos do público como autores ainda desconhecidos⁷. A presença constante da ficção, por sua vez, ressalta a ausência da poesia: durante um ano, apenas duas vezes a última página de *Movimento* publicou poemas.⁸ A quantidade de entrevistas também chama a atenção: escritores, cineastas, grupos teatrais, músicos e intelectuais são entrevistados com frequência e, se na última página não há espaço para a poesia, nas entrevistas encontramos ao menos três poetas: Telmo Padilha, Ferreira Gullar e João Cabral de Melo Neto, este último com uma entrevista de página inteira, bastante espaço se considerarmos o número de páginas da seção.

Na tabela de *Palavras-chave*, a quarta maior ocorrência é *mercado*. Uma palavra-chave deve sempre ser tomada em relação a outra: cada artigo indexado conta com três delas. Nas resenhas de peças teatrais e, principalmente, de discos e filmes, o mercado é um tema constantemente abordado. Atente-se ainda para a ocorrência de *história*, *sociedade*, *Brasil* e *ideologia*, isto é, temas que se entrelaçam aos “lançamentos” (e lançamentos não só de história ou sociologia) e que estão na base dos ensaios.

Entre os *Autores colaboradores*, embora com exceções, está a “equipe da cultura” de

⁴ Observo aqui que os tipos de texto foram “simplificados”. As resenhas e ensaios são bastante especificados na indexação – resenha-literatura, ensaio-literatura, resenha-história, ensaio-política, etc. –, com uma ressalva para os textos sobre artes em geral (cinema, teatro, música, etc.), que são indexados sob a rubrica “cultura” (resenha-cultura e ensaio-cultura). Todos os demais textos são especificados apenas quando tratam de literatura (entrevista-literatura, informe-literatura, etc.). Optei por simplificar a divisão dos textos tendo em vista a leitura panorâmica que pretendo realizar sobre a seção de cultura de *Movimento* em seu primeiro ano. Mais adiante, ao especificar certos aspectos, trarei de volta a especificidade também de certos textos. Não me deterei aqui sobre os “informes”, tendo em vista o caráter meramente informativo desse tipo de texto, ainda que, é claro, os informes reflitam uma “seleção” de eventos.

⁵ Mais especificamente: 98 resenhas-cultura; 44 resenhas-literatura; 36 resenhas-outro (isto é, história, política, sociologia, etc.). Quanto aos ensaios: 58 ensaios-cultura; 16 ensaios-literatura; 21 ensaios-outro.

⁶ Embora não publicada na seção de cultura, mas na última página, optei por considerá-la como parte da seção, o que eleva, portanto, o número de páginas dedicadas à cultura pelo jornal.

⁷ Moacyr Seliar, Hermilo Borba Filho, Murilo Carvalho, Emanuel Medeiros Vieira, Carlos Stein, Carlos Carvalho, Odemir Capistrano, Manuel Lobato, Nelson Nicolai, Qorpo-Santo, Eduardo Galeano, Héber Fonseca, Roberto Gomes, Deonísio da Silva, entre vários outros.

⁸ No n. 3 (21 jul. 1975) o poema “Onde te encontrar”, de Samora Machel, primeiro presidente de Moçambique (recém independente de Portugal), e no n. 48 (31 maio 1976), *A vida do poeta*, do conhecido cordelista J. Borges.

Movimento. Os textos sem autoria são principalmente notas e informes, bastante abundantes nos primeiros números, mas que depois desaparecem. Quanto aos nomes, Flávio Aguiar desponta como o grande colaborador da seção: é o editor da seção de cultura e, embora escreva quase sempre sobre literatura, discorre também sobre história e educação, entre outros temas. A quinta colaboradora mais freqüente, Maria Rita Kehl, trabalha em todas as frentes: literatura, cinema, teatro e música. Já os demais são bastante especializados: Jean-Claude Bernardet é o crítico de cinema, Fernando Peixoto o de teatro e José Miguel Wisnik o de música. Esses mesmos autores são os responsáveis pela maioria dos ensaios de sua área, ou seja, exercem, de um lado, a crítica de obras específicas, de outro, a crítica do próprio cinema, teatro ou música.

Um dos campos que melhor nos informa sobre a seção de cultura de *Movimento* é o que diz respeito aos *Autores citados*. A presença de Chico Buarque se deve a dois fatores: seu trabalho como músico e como dramaturgo. Sua obra, no entanto, tem apenas uma resenha, e não musical, mas de sua peça *Gota d'água*, escrita em parceria com Paulo Pontes. Caetano, por sua vez, tem apenas uma resenha, dos discos *Jóia* e *Qualquer coisa*, ambos resenhados num único texto. Milton Nascimento é aquele que tem um maior número de resenhas, quase todas de seus shows, seguido de Gal Costa e Elis Regina no campo da música, na verdade música popular brasileira - MPB. Chama atenção, diria, a pouca citação e a ausência de nomes teóricos, cuja única presença marcante se dá através de Bertolt Brecht, que, além de dramaturgo, era também teórico do teatro. Em suas resenhas e, especialmente nos ensaios, os colaboradores poucas vezes evocam o nome de algum teórico para apoiar-lhes o argumento. Caso evoquem, os nomes são aqueles principais do modernismo brasileiro: Mário e Oswald de Andrade.⁹ No cinema, o nome mais lembrado é o de Nelson Pereira dos Santos e, no campo literário, a presença de Érico Veríssimo ganha destaque devido à morte do escritor em 1975: *Movimento* n. 23 (08 dez. 1975) publica cinco depoimentos sobre Érico. Graciliano Ramos, Guimarães Rosa e Jorge Amado também marcam presença quando o assunto é literatura.

A opinião de *Movimento*

Embora *Movimento* seja um jornal “alternativo”, a preponderância da resenha atesta que a seção de cultura do jornal não foge de todo ao “padrão” do jornalismo cultural, aquele

⁹ Citados não apenas em textos sobre literatura, mas também sobre música, cinema e teatro.

de cunho mais “informativo”, que traz aos leitores as novidades no campo da cultura, embora, claro, as obras resenhadas se insiram dentro de um contexto político, aquele determinado e defendido pelo jornal. No campo da ficção não é diferente: os autores publicados na última página do jornal, não raro, são figuras comuns no meio cultural da esquerda política. Quanto ao ensaio, este é fundamental, inescapável: no período aqui abordado (jul. 1975 - jul. 1976) estamos no início daquele que ficou conhecido como o “período de abertura”. Depois de alguns anos de silêncio, o debate – não só político, mas também cultural – volta à esfera pública e o ensaio torna-se, então, a forma privilegiada pela qual o jornal exporá suas idéias nessas discussões. Também para essa direção está apontada a entrevista, cujos temas e entrevistados dizem respeito diretamente ao debate cultural do período.

Pensando a inserção de *Movimento* nesse debate podemos apontar, resumidamente, com o auxílio dos dados obtidos, três características da seção de cultura: 1) uma provável pretensão a um texto “simples”, 2) uma abordagem nacionalista dos assuntos culturais e 3) a inexistência de polêmicas.¹⁰

A primeira característica nos leva, sem dúvida, ao tipo de leitor que *Movimento* pretendia atingir, diferente daquele de *Opinião*, o outro semanário alternativo.¹¹ De fato, o objetivo era “atingir os setores mais populares, em contraposição aos objetivos quase que estritamente intelectuais d’*Opinião*”.¹² Por isso, Raimundo Pereira, editor de *Movimento* e ex-editor de *Opinião*, além de ser fortemente contrário à “idéia de um jornal de intelectuais”, acreditava que o texto do jornal deveria ser “simples e claro como o de uma carta bem escrita”.¹³

Talvez seja essa a explicação para o número relativamente pequeno de citações e a quase ausência de nomes teóricos (intelectuais) nos textos de cultura. Os colaboradores optam

¹⁰ Por outro lado, se observarmos a seção de cultura de *Opinião* no período equivalente (jul.1975/jul.1976), podemos dizer que suas características são quase totalmente opostas às de *Movimento*, isto é, seus textos parecem mais fundamentados, sua abordagem da cultura é muito mais cosmopolita e as polêmicas fazem parte da seção. A comparação não é gratuita, já que, como exposto anteriormente, *Movimento* é uma “cria” de *Opinião*. Os dados de *Opinião* estão disponíveis no banco de dados *Periodismo literário e cultural*, mantido pelo Núcleo de Estudos Literários & Culturais – NELIC. Sobre a seção de cultura do jornal, ver MARQUARDT, Eduard. *Cultura em Opinião: As páginas de “Tendências e Cultura”*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2003.

¹¹ “Uma pesquisa, feita no final de 1974, mostrou que 40% dos seus leitores [de *Opinião*] pertenciam à classe A e 42% à classe B. Apenas 18% eram de classe C e nenhum da classe D”. KUCINSKI, Bernardo. *Opinião: a frente natural*. In: *Jornalistas e revolucionários*, op. cit., p. 316-317.

¹² KUCINSKI, Bernardo. *Movimento: o jornal dos jornalistas*. In: *Jornalistas e revolucionários*, op. cit., p. 346. Segundo Kucinski, ainda, a diagramação e ilustrações de *Movimento* “expressavam uma estética popular, em contraste com os traços aristocráticos d’*Opinião*” (p.355).

¹³ Cf. MARQUARDT, Eduard, op. cit., p. 24 e p. 44, respectivamente. Embora uma das principais causas do “racha” em *Opinião* tenha sido o modo como o jornal era administrado, isto é, o fato de que Fernando Gasparian não abria mão do controle, já que era o “dono” do jornal, estão apontadas aí outras “pequenas” diferenças.

pela comparação: Chico Buarque como referência na MPB, Brecht no teatro, Nelson Pereira dos Santos no cinema. Na literatura, a “comparação” se dá com três autores: Graciliano Ramos, quando o assunto é a representação social na literatura; Guimarães Rosa, quando o assunto é a linguagem; e Jorge Amado, quando o assunto é mercado. Daí serem esses autores os mais citados.¹⁴ A simplicidade dos textos, por sua vez, resvala na simplicidade dos assuntos abordados. O termo “cultura”, para *Movimento*, reduz-se quase que exclusivamente a música, teatro, cinema e literatura – brasileiros. É sintomática, nesse sentido, a ausência das “artes plásticas” nas páginas de cultura.¹⁵ Também a falta de qualquer discussão em torno da “arte” como campo, isto é, os textos da seção tratam as áreas isoladamente: “a literatura”, “o cinema”, “o teatro”, “a MPB”.

Quanto à segunda característica – abordagem nacionalista da cultura –, essa parece ser a mais visível de todas: é facilmente captada no campo dos assuntos abordados pelo jornal, e salta aos olhos no campo dos autores citados. Como apontado anteriormente, “música” para *Movimento* é sinônimo de MPB. Estão quase excluídos o *jazz*, o *rock* e a música clássica. Nas outras áreas dá-se o mesmo: raros filmes, peças, ou literatura estrangeiras, mesmo latino-americanas. Esse desinteresse pela cultura “não-brasileira” revela-se na quantidade de nomes estrangeiros presentes na seção: Brecht (14 citações) e Garcia Márquez (6 citações) são os “mais” citados entre os nomes estrangeiros. Os demais são raros¹⁶.

A última das características – ausência de polêmicas – sugere uma certa “parcialidade”, ou alinhamento político, da seção de cultura de *Movimento*. Embora Kucinski afirme que a seção era “relativamente autônoma em relação ao resto do jornal”¹⁷, tudo indica que, na verdade, a seção funcionava em “sintonia” com as demais editorias. Não poderia ser diferente, já que, da experiência como editor de *Opinião*, Raimundo Pereira trazia na bagagem um relacionamento conflituoso com a seção de cultura do jornal. O “grupo da

¹⁴ O elenco de “autores-padrão”, por sua vez, nos aponta as ausências, os não citados: Glauber Rocha – adesão ao projeto geiselista de abertura?; Antonio Callado – autor por demais visado pela censura?; Clarice Lispector – obra pouco “reflexiva” da realidade nacional?; Jorge Ben – música “alienada”?; etc., etc., etc.

¹⁵ A lista de assuntos ausentes em *Movimento* é bastante ampla, principalmente se o compararmos com *Opinião*. Neste último, entre as dez palavras-chave mais comuns encontramos *arte* e *comportamento*. Outros assuntos também bastante presentes em *Opinião* – e ausentes, ou pouquíssimos freqüentes em *Movimento* – são, entre outros, *psicanálise* e *sexualidade*. Os assuntos apontam claramente para o tipo de leitor objetivado pelos jornais.

¹⁶ Alexander Soljenitsin, Jorge Luis Borges e Peter Weiss contam com três citações. Os demais contam com duas ou apenas uma citação. Aqui o “cosmopolitismo” de *Opinião* é evidente: entre os dez autores mais citados em sua seção de cultura estão Freud, Marx, Lévi-Strauss e o mesmo Brecht. Logo abaixo temos Ingmar Bergman, Sartre, Joyce, Barthes e um número considerável de artistas e teóricos estrangeiros que apontam não só para o cosmopolitismo do jornal, mas também para a base teórica de muitos dos textos sobre cultura. Ao contrário de *Movimento*, a citação é abundante em *Opinião*. Embora com todas essas diferenças, no entanto, os jornais parecem ter um nome unânime: Chico Buarque é o mais citado em ambos.

¹⁷ Vide nota 2.

cultura” de *Opinião* defendia que o jornal tivesse seções de orientação independente, com o que não concordava Raimundo. Reclamavam ainda de uma “censura interna”, que considerava assuntos como “sexo”, “loucura”, entre outros, jornalisticamente irrelevantes. Estaria aí a explicação para o fato de nem todos os colaboradores da seção de cultura de *Opinião* “mudarem” para *Movimento*¹⁸. Como jornal de uma “frente ampla”, *Movimento* não pode, não quer expor fraturas, sejam elas políticas ou culturais. Não encontramos, pois, em suas páginas, polêmicas como a suscitada pela Teoria Literária nas páginas de *Opinião*¹⁹.

O eixo e a roda

O eixo das discussões em *Movimento* parece ser um: o nacional e popular frente ao mercado, mediado – ou não – pelo Estado.

As discussões sobre o cinema nacional apontam para dois problemas: o primeiro deles é o mercado. Como desenvolver a indústria cinematográfica brasileira? Essa é a questão colocada várias vezes por Jean-Claude Bernardet, que acaba por se envolver com outra: de que tratam, ou deveriam tratar, os filmes brasileiros? A “pornoanchada” é o ponto de convergência dessas questões, já que seu sucesso comercial – o mercado – e as representações contidas nos filmes – pretensamente o “popular” – resumem o problema a ser resolvido. A pornoanchada é um sucesso comercial, que consegue fazer frente a muitos filmes importados, ou “enlatados”, mas, por outro lado, sua qualidade estética é vista com maus olhos. A solução seria produzir bons filmes em termos estéticos (e ao mesmo tempo nacionais e populares) que obtivessem sucesso de público, ganhassem o mercado. Como? O papel do Estado parece ser fundamental nessa luta. É uma constante nos textos sobre cinema a presença do Estado, aquele mesmo, militar. As portarias, medidas e decretos do governo, cuja “mão” no cinema era a Embrafilme, são alvos de críticas negativas, mas também positivas. O fato é que durante todo o primeiro ano de circulação de *Movimento*, ninguém chegou, como não poderiam, a uma conclusão ou proposta concreta sobre o que fazer para o cinema nacional ganhar o mercado. E muito menos sobre o conteúdo de tal cinema, ou seja, sobre o que seria um cinema nacional e popular.

Na área teatral, o mesmo debate, que gira aqui em torno de um “teatro popular”.

¹⁸ Cf. MARQUARDT, Eduard., op. cit., p. 26-27.

¹⁹ Polêmica na qual temos, de um lado, teóricos de extração marxista defendendo uma crítica de viés sociológico (engajada), de outro, teóricos de extração formalista defendendo uma maior formalização dos estudos literários. Vide LIMA, Luiz Costa. Quem tem medo da teoria?. *Opinião*, 21 nov. 1975; COUTINHO, Carlos Nelson. Há alguma teoria com medo da prática?. *Opinião*, 28 nov. 1975.

Novamente entram questões estéticas e de mercado, talvez até mais imbricadas aqui. O que seria um teatro popular: aquele de temática popular, aquele de linguagem popular, ou aquele de ingresso popular? Outro assunto que fica sem resposta, embora diversos grupos, diretores e dramaturgos discutam o assunto. A presença do Estado aqui é mais difusa e aparece de forma diferente daquela em que se insere no debate cinematográfico: se uma das “mãos” é o Serviço Nacional do Teatro, a outra é a censura.

Na área musical, os textos abordam principalmente as relações entre músico e gravadora (geralmente braço de uma multinacional), isto é, a relação entre o trabalho musical e as exigências do mercado. Também o direito autoral é um tema constantemente abordado pelos músicos, que reclamam receber muito pouco ou nada por seus trabalhos. Os últimos números indexados comentam a criação, pelo Estado, do ECAD – Escritório Central de Arrecadação e Distribuição –, cuja função seria justamente organizar a arrecadação dos direitos autorais.

A discussão sobre a literatura nas páginas de *Movimento*, assim como as demais, apóia-se nas resenhas, nos debates e nas entrevistas principalmente com os “novos” escritores, sendo o diálogo com a tradição literária brasileira reservado quase aos ensaios. Isso se deve, sem dúvida, ao próprio formato da seção, que privilegia a fala do escritor ou o comentário acerca de sua última obra. Nos ensaios, a maioria de Flávio Aguiar, não se discorre sobre um problema específico, mas vários: a situação profissional dos escritores, o papel do escritor na sociedade, o interesse repentino pela literatura e a crise das editoras. O primeiro dos problemas discutidos – a profissionalização do escritor –, não trazia nada de novo, e vale dizer que continua em aberto; o segundo dizia respeito, sem dúvida, ao “engajamento político”: embora não praticando o “realismo socialista”, *Movimento* não deixa de se preocupar com a “realidade brasileira” expressa pela literatura.²⁰ Muito abordado é o “interesse” despertado no público pela literatura, um “boom” mercadológico. Para Aguiar, esse interesse representa uma faca de dois gumes: se, por um lado, aumenta o número de leitores, por outro, oferece o risco de uma literatura digestiva, feita às pressas e sem a necessária preocupação com a linguagem. Já a questão do mercado editorial é comentada a partir da grave crise financeira pela qual passavam as editoras nacionais.

Ainda no campo literário, cabe ressaltar um certo papel exercido por *Movimento* nesse período: a presença constante da ficção em sua última página – para além da já apontada

²⁰ A questão “qual a posição do escritor frente à realidade brasileira?” é colocada nas entrevistas não só com ficcionistas, mas também com poetas.

função “atrativa” – deu ao jornal uma característica típica de periódicos literários: a de vitrine para novos escritores.

Para onde vai a cultura?

O que parece ficar da seção de cultura de *Movimento*, com o necessário desdobramento das questões, é a relação mercado/estética nacional-popular/Estado. Esse desdobramento perpassa a questão de um ainda “engajamento” artístico e a correlativa visão do que isso signifique para o jornal, já que ela se coloca, ou melhor, *Movimento* a coloca, para todos: por um cinema “nacional”, por um teatro “popular”, por uma música “brasileira”, o papel do “escritor frente à realidade brasileira”. Um debate que não era “novo” já na época: vinha do ISEB, passava pelo CPC da UNE e fora golpeado em 64. Com a abertura do governo Geisel, portanto, *Movimento* retoma o debate no ponto em que este havia parado, tendo porém, ressaltado-se, lucidez para perceber que um outro elemento agora se impunha: o mercado.

As resenhas e ensaios da seção de cultura de *Movimento* nos possibilitam observar a recepção de *quase* tudo o que se produzia em termos culturais. Ao se pautar, no entanto, pela “atualidade” cultural, inversamente ela bloqueia a discussão diacrônica e, paradoxalmente, é ditada pelo mercado de bens culturais, o mesmo mercado apontado como uma das pedras no meio do caminho. Mas quais os motivos desse impasse? A primeira resposta, sem dúvida, aponta para o autoritarismo do Estado, isto é, a preocupação primeira com o próprio cerceamento das liberdades, não só artísticas. Mas a resposta parece insuficiente.

Para Renato Ortiz, a ausência de uma discussão anterior sobre a indústria cultural deve-se ao fato de que “entre nós as contradições entre uma cultura artística e outra de mercado não se manifestam de forma antagônica”.²¹ Ortiz aponta vários exemplos desse não-antagonismo: lembra como o jornal, um órgão voltado para a produção de massa, transformava-se na instância consagradora e legitimadora da obra literária. Ou, ainda, o papel de empresários como agentes da “cultura erudita” (vide a criação de museus como o MASP, o MAM) e da “cultura de massa” (vide a criação da Cia. Cinematográfica Vera Cruz). Ou seja, o impasse deriva, em última instância, da própria ausência de uma tradição teórica sobre o assunto.

²¹ ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira*. Cultura brasileira e indústria cultural. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p.29.

Embora a seção de cultura de *Movimento* avance as discussões pré-64 com um novo dado, uma nova engrenagem – o mercado –, mantém-se ainda presa a uma velha questão: o “nacional-popular” ou, em outras palavras, a obrigatoriedade de uma arte brasileira refletir a realidade brasileira. O risco que corre: preocupada em fazer a roda girar, não percebe que são *várias* as engrenagens desgastadas.

Anexos

Tabela 1: Vocabulário controlado

01. Resenha	178
02. Ensaio	95
03. Ficção	73
04. Informe	52
05. Entrevista	49
06. Apresentação	11
07. Reportagem	10
08. Depoimento	07
09. Poemas(s)	02
10. Debate	02
11. [em branco]	02
12. Variedades	01

**Tabela 2: Palavras-chave
(10 principais ocorrências)**

01. Literatura	90
02. Cinema	77
03. Música	65
04. Mercado	61
05. História	46
06. Teatro	44
07. Sociedade	40
08. Brasil	35
09. Ideologia	30
10. Eventos	28

**Tabela 3: Colaboradores
(10 principais ocorrências)**

01. SEM AUTORIA	60
02. AGUIAR, Flávio	52
03. BERNARDET, Jean-Claude	35
PEIXOTO, Fernando	35
05. WISNIK, José Miguel	24
06. KEHL, Maria Rita	16
07. NOGUEIRA, Marco Aurélio	08
DÓRIA, Carlos Alberto	08
SILVA, Aguinaldo	08
10. MARQUEZI, Dagomir	07
RONCARI, Luiz	07

**Tabela 4: Autores citados
(10 principais ocorrências)**

01. BUARQUE, Chico	17
02. BRECHT, Bertolt	14
03. VELOSO, Caetano	09
NASCIMENTO, Milton	09
VERÍSSIMO, Érico	09
RAMOS, Graciliano	09
SANTOS, Nelson Pereira dos	09
08. REGINA, Elis	08
ROSA, Guimarães	08
ANDRADE, Mário de	08
COSTA, Gal	08
AMADO, Jorge	08